

**CECÍLIA MEIRELES E O LIRISMO DOS PRIMEIROS VERSOS:
UM OLHAR SOBRE O POEMA “JUDITE”**

Laura Soares Borges¹

Orientadora: Ana Érica Reis da Silva Kühn.

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo interpretar o poema “Judite”, presente no livro *Espectros*, da autora Cecília Meireles, publicado em 1919, quando esta escritora tinha apenas 17 anos. Pretendemos analisar principalmente o discurso intertextual mantido por Cecília Meireles com a história da personagem bíblica, Judith. Nossas reflexões estarão ancoradas em Alfredo Bosi, Manuel Bandeira, Henrique Marques-Samyn, Northrop Frye, dentre outros.

Palavras-chave: Cecília Meireles, *Espectros*, Bíblia, Intertextualidade.

Cecília Meireles é considerada uma das poetisas mais importantes da literatura brasileira, além de ter elaborado livros para crianças e obras relacionadas à Educação, área na qual também atuou como educadora. Ela nasceu em 7 de novembro de 1901, época em que o Brasil era governado pelo Presidente Prudente de Moraes, que aumentou a rede ferroviária e foi um dos fundadores do Partido Republicano Paulista. As primeiras indústrias iam surgindo, a economia cafeeira crescia e as mulheres ainda não tinham o direito ao voto, pois essa conquista se deu apenas em 1932.

Cecília Meireles viveu num período de crescimento econômico para o país; contudo, essa foi uma época com inúmeras adversidades para o sexo feminino, como, por exemplo, as imposições da família patriarcal e a rígida moral burguesa. Mas, Cecília não se intimidou. Desde cedo, demarcou seu lugar no mundo. Publicou vários poemas e obras, a exemplo de: “Serenata”, “Epigrama n.2”, “Fio”, “Lua Adversa”, “Retrato”, “Motivo”, “Canção”, “Despedida”, *Viagem e Espectros*. A propósito, o livro *Espectros* (1919) será o volume no qual vamos nos aprofundar neste artigo.

O interesse por essa obra da autora e, especificamente, pelo poema “Judite” nasceu de uma paixão minha pelas narrativas bíblicas, através das quais já conhecia o Livro de Judite.

¹ Aluna do curso de Letras/UFU

Resolvi assim, com entusiasmo, analisar esse poema de Cecília Meireles, relacionando-o com o referido texto bíblico, já que há um diálogo entre eles. O mais apaixonante é a relevância e a originalidade do tema a ser pesquisado, pois ainda não há estudos concretos sobre a obra *Espectros*, que possui vários poemas que apresentam intertextualidade com narrativas extraídas da *Bíblia*, dentre eles “Judite”.

Alfredo Bosi (1970, p. 15) aponta Cecília Meireles como “uma poeta realista com nuances românticas”, já Antonio Candido (1980, p. 14) expressa que ela seria uma das mais interessantes poetisas do Modernismo. Realmente, se pensarmos no conhecido poema “Retrato”, publicado no livro *Viagem* (1939), em que o eu-lírico faz uma reflexão profunda sobre a velhice, notamos uma autora de estilo refinado: “Eu não tinha este rosto de hoje / [...] – Em que espelho ficou perdida a minha face?” (Meireles, 1939). Antônio Carlos Secchin (2001, p.10), por sua vez, vê nos versos de Cecília Meireles, “originalidade e profundidade”.

O lirismo ocorre, em sua poesia, todas as vezes que Cecília cria um verso, demonstrando através dele os próprios sentimentos. A autora escreveu vários poemas sobre o tema da morte, provavelmente porque sua infância foi marcada pelas mortes de seu pai e de sua mãe, e na fase adulta viveu o trauma do suicídio do primeiro marido, acontecimentos que fizeram dela uma pessoa melancólica: “Não sou alegre nem sou triste / sou poeta” (Meireles, 1939). Escreveu *Espectros* com apenas 17 anos e transportou seus sentimentos para os poemas, sendo na ocasião apenas uma adolescente. Tinha o dom divino de escrever, pois as palavras lhe eram mágicas. Para Octávio Paz (1982, p. 15), “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono... exercício espiritual... oração... magia... nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo... métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal”. São esses elementos que notamos em *Espectros* e daremos visibilidade a alguns deles na análise do poema “Judite”.

Cecília Meireles casou-se, aos 21 anos, com Fernando Correia Dias e teve três filhas: Maria Fernanda, Maria Matilde Meireles e Maria Elvira Meireles Correia Dias. Sua vida familiar foi marcada por uma tragédia: seu marido tinha depressão e suicidou-se em 1935. Viúva, casou-se pela segunda vez com Heitor Grillo. Era uma mulher moderna para seu tempo. Foi jornalista, pintora, escritora, poeta e professora. Tinha ideais feministas, apesar de não se considerar feminista; defendia a valorização, a instrução e a independência da mulher, estando à frente de sua época (Prado, 2021). Talvez por esse motivo que, no poema que vamos analisar, intitulado “Judite”, vemos uma mulher que teve a audácia de matar um general, para salvar o seu povo. Nesse texto, Cecília Meireles quis valorizar a força e a coragem femininas, dando ênfase à feminilidade, aos encantos e à inteligência da mulher.

Além dessas temáticas sobre a questão da força feminina, não podemos nos esquecer da influência que o cristianismo teve sobre a autora em seus primeiros versos, já que foi criada por sua avó Jacinta, uma portuguesa católica, quando ficou órfã de pai e mãe ainda criança. Sua avó, que lhe ensinou várias passagens bíblicas, era muito rigorosa e não permitia que Cecília saísse de casa para brincar com as amigas e, por isso, acostumou-se à solidão. Inteligentíssima, ganhou vários prêmios na infância e na juventude. Recebeu uma medalha de ouro pelas mãos de Olavo Bilac, em 1913, e também o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, no ano 1939, pelo livro *Viagem*. Fundou a primeira biblioteca infantil do país, em 1934, no Rio de Janeiro e, na então capital do Brasil, ensinou Literatura na Universidade do Distrito Federal em 1936. Já em 1940, lecionou nos Estados Unidos e no Texas. Autora de mais de cinquenta obras, seu poema mais introspectivo e complexo, “Motivo”, tem os seguintes versos: “Eu canto porque o instante existe / e a minha vida está completa. / Não sou alegre nem sou triste / sou poeta” (Mireles, 1939).

Cecília Meireles era tão admirada por seus colegas escritores, que alguns até fizeram homenagens em vida e póstumas à grande autora, com poemas em seu nome, tendo falecido em 9 de novembro de 1964. Na sequência, citamos alguns deles: “Improviso” em *Belo, belo* (1948), de Manuel Bandeira; “Casas” em *Aprendiz de feitiçeiro* (1950), “In Memória” e “Canção para Depois” em *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), “Extra terrena”² em *Preparativos de viagem*, “Cecília” em *A vaca e o hipogrifo* (1977) e “Cecília” em *A cor invisível* (1989), de Mário Quintana, além de “Murilograma a Cecília Meireles” em *Convergência* (1970), de Murilo Mendes (cf. Araújo, 1972; Oliveira, 2016). Ela era realmente sabia lidar de forma artística com as palavras, possuía um dom inigualável para escrever, e seu estilo literário tem um tom melancólico e de fuga da realidade, porque trabalhava com as temáticas de amor, solidão, saudade, religião e morte. Tais temas retratam seu modo de vida e acabam recaindo sobre o eu-lírico da autora.

Em 1989, o Banco Central do Brasil homenageou Cecília Meireles com sua foto nas cédulas de cem cruzados novos. Ela dedicou o seu último livro ao amigo Manuel Bandeira, trazendo uma rosa desenhada por si mesma (Bandeira, 1986c, p. 212). A criação máxima de sua história de escritora consiste no poema “Romanceiro da Inconfidência” (1953), composto em homenagem a heróis brasileiros que lutaram e morreram pela Pátria, inclusive Tiradentes. Preocupada com uma educação de qualidade, foi censurada durante a Ditadura do Estado Novo

² Nesse poema, Mário Quintana (2005, p. 761) aponta que ela ficará eternamente na memória dos que ficaram.

(1937-1946) de Getúlio Vargas, período no qual o Centro Cultural de São Paulo foi fechado por esse Presidente (Prado, 2021).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), suas obras com forças ultranacionalistas trouxeram reflexões sobre o seu tempo, principalmente o vivido na Europa e no Brasil, tendo recebido o título de Doutora “*Honoris Causa*” na Universidade de Delhi na Índia. Promoveu cursos e palestras no México, na Holanda e na Índia. Manteve laços de amizade com escritores portugueses, tais como Fernando Pessoa, com os quais trocava cartas. Mário de Andrade (1972b), analisando o livro *Viagem* (1939), de Cecília Meireles, afirma ser um “sábio ecletismo”, elogiando-a como possuidora de um dom especial, um dom raro. Mário Quintana (2012) entende que ela é a maior poeta da primeira metade do século XX. Já para alguns críticos literários, a poesia de Cecília Meireles é transnacional, pois ela viajou por vários países e sua obra foi traduzida para várias línguas, tamanho seu sucesso no mundo todo.

Se gostava de viajar pelo mundo, além de ler e conhecer a literatura de vários povos, como, por exemplo, *Fausto* (1808-1832), de Johann Wolfgang von Goethe, *Hamlet* (1599-1601), de William Shakespeare, *A Divina Comédia* (1314-1318), de Dante Alighieri, ela foi também uma leitora atenta da *Bíblia* Católica, principalmente na confecção de seus primeiros poemas para o livro *Espectros* (1919). Nele, cuja edição utilizada neste trabalho é a de 2013, temos, além de “Judite” (p. 37), outros poemas que remetem às Sagradas Escrituras, como: “À Belém!” (p. 27), “Neroniano” (p. 29), “Ecce homo” (p. 31), “Herodiada” (p. 35), “Sansão e Dalila” (p. 39) e “Dos jardins suspensos” (p. 47).

A *Bíblia* foi inspiração para muitos escritores, porque essa obra tem uma incalculável riqueza literária em seus textos, tanto nas narrativas quanto nos versos. Lembremos, por exemplo, de *Esau de Jacó* (1904), de Machado de Assis, *Caim* (2009), de José Saramago, *José e seus irmãos* (1972), de Thomas Mann. A cultura de um povo do Primeiro e do Segundo Testamento, no caso o povo judeu, deu origem a diversos textos e obras literárias, tais como podemos observar no livro *Espectros*, de Cecília Meireles. Dos dezessete poemas que o compõem, sete deles são retirados das narrativas bíblicas, como já comentamos: “À Belém”, inspirado no Primeiro Testamento, Livro de Mateus (capítulo 2, versículos 1-16), descreve o momento em que os três Reis Magos (Gaspar, Baltazar e Belchior) visitam o menino Jesus, ao nascer em Belém, levando presentes; “Neroniano”, baseado no acontecimento dos Atos dos Apóstolos (capítulo 25, versículos 10-12), mostra o Imperador Nero incendiando Roma e pondo a culpa nos cristãos; “Ecce homo”, inspirado em João (capítulo 19, versículos 1-5), traz Pilatos apresentando Jesus ao povo dizendo: “Eis o homem”; “Herodiada”, por sua vez, dialoga com o Evangelho de Mateus (capítulo 14, versículos 6-13), onde a mulher do Rei Herodes pede a

cabeça de João Batista em um prato; “Sansão e Dalila” é inspirado no Livro dos Juízes (capítulo 16, versículos 19-30), passagem na qual Dalila entrega o segredo de Sansão para seus inimigos; e, finalmente, “Judite”, o poema que analisaremos neste artigo, baseia-se na história que consta no Pentateuco (capítulos 1-16), Livro que narra sobre uma mulher que degola a cabeça do general Holofernes para salvar seu povo.

Para Glenda da Silva (2015, p. 9), “as inúmeras narrativas bíblicas representam um solo fértil para a produção literária”. O que confirma a descrição do crítico Northrop Frye acerca desse importante livro:

A Bíblia é, em primeiro lugar, um mosaico, para usar uma palavra não menos precisa do que a feitiço, neste caso. Ela é um mostruário de mandamentos, aforismas, epigramas, provérbios, parábolas, enigmas, excertos, dísticos em paralelismo, fórmulas, contos do populário, oráculos, epifanias, “gattungen”, sentenças, fragmentos ocasionalmente em verso, glosas marginais, lendas, aparas de documentos históricos, leis, correspondências, sermões, hinos, visões extáticas, rituais, fábulas, listas genealógicas, e por aí afora (Frye, 2007, p. 244).

Ao referir-se à *Bíblia*, em admiração pela parcela da humanidade que ainda lê o Antigo Testamento, Moacyr Scliar expõe que:

*Em tempos sôfregos pela novidade, fato de que um texto escrito há milênios continue a ser lido por boa parte da humanidade. Este texto é o Antigo Testamento. Para muitas pessoas, a *Bíblia* é expressão da palavra de Deus, uma narrativa que implica uma mensagem moral plenamente aplicável, independente de época e lugar. Mas a *Bíblia* permite também uma leitura não religiosa, uma leitura literária capaz de comover e encantar mesmo céticos e agnósticos (Scliar, 2005, p. 11).*

Nessa citação, há também uma referência a pessoas céticas, as quais não utilizam a *Bíblia* como a palavra de Deus, mas a usam como um livro riquíssimo em literatura, contendo metáforas, eufemismos, hipérboles, pleonasmos e outras figuras de linguagens capazes de deslumbrar até mesmo os ateus.

Sobre a *Bíblia* e a literatura, Robert Alter (2007, p. 34) faz uma comparação: “Em contraste com a literatura grega e latina, a *Bíblia* foi considerada durante muitos séculos, tanto por cristãos quanto por judeus, a fonte unitária, e primária da verdade de revelação divina”. Segundo esse pesquisador e professor universitário, os cristãos de todos os tempos consideram a *Bíblia* realmente como a palavra de Deus, porque na Carta de São Paulo Apóstolo aos Hebreus (capítulo 4, versículo 12) a “Palavra de Deus é Viva e eficaz”, penetrando até na divisão da alma e do espírito, quão poderosa é a *Bíblia* (Alter, 2007). Os cristãos creem que as Escrituras Sagradas são capazes de verdadeiros milagres; porém, os céticos a estudam apenas como um

livro rico em literatura. Flávio Aguiar reforça que:

De Dante Alighieri e John Milton a Franz Kafka, o legado literário da *Bíblia* é amplo e variado. A palavra bíblica chegou ao Brasil de barco – e com ela vieram o céu, o purgatório e o inferno. Nas letras brasileiras, José de Anchieta, Gregório de Matos e Oswald de Andrade são alguns dos autores que escreveram páginas que foram inspiradas, direta ou indiretamente, em passagens do Livro Sagrado (Aguiar, 2005, p. 58).

A *Bíblia*, no entanto, mesmo diante da infinidade de ótimas narrativas e de ter influenciado vários autores no mundo ocidental, ainda é pouco estudada nas Universidades. Ela deveria ser mais explorada como literatura (Andrade, 2008), devido ao seu grande valor cultural e sua riqueza literária, visto que não é um livro somente para os crentes, mas para todos. De acordo com Aguiar (2004, p. 276),

Podemos ver a fábula de uma narração que compõe o enredo, como uma sucessão de acontecimentos dispostos no tempo, mesmo que haja *flashbacks* e antecipações reveladoras. Mas também podemos ver ambas, fábulas e narração, como uma estrutura simultânea de imagens e situações que se articulam. A forma particular da obra literária se torna significativa e perceptível pelo modo como essas visões, a diacrônica e a sincrônica, se articulam. Foi a *Bíblia*, mais do que a tradição clássica, que criou esse processo e esse procedimento, sobretudo no plano interno das obras e foi a *Bíblia* também que, por assim dizer, “ensinou” os escritores, mesmo os modernos a proceder desse modo (grifo do autor).

Tendo evidenciado a importância da *Bíblia* para os Estudos Literários e voltando-nos para o livro *Espectros*, observamos que o título, nos remete de forma figurada à imagem fantasmagórica, um fantasma ou imagens ameaçadoras que podem provocar sofrimento, dor ou perigo. Inclusive, como comentado antes, quase todas as personagens femininas enfocadas por Cecília Meireles, em seus poemas, experimentam situações de sofrimento, perigo ou dor. Tanto Joana d’Arc como Maria Antonieta e Cleópatra, por exemplo, que deram nome a poemas publicados na obra *Espectros*, terminam seus dias de modo trágico. Joana d’Arc contempla de forma visionária “os clarões sinistros de fogueira!...” (Meireles, 2013, p. 41); Maria Antonieta, antes de ser decapitada, vislumbra a guilhotina e pensa “nos seus tempos felizes de delfina...” (Meireles, 2013, p. 43); Cleópatra, antes de ser picada pela serpente, “sorve em êxtase o aroma, que flutua” (Meireles, 2013, p. 33).

Com o poema “Judite” não é diferente. Judite, cansada de ver o seu povo sofrer, ser massacrado pelo exército da Babilônia “com tremor” e arfando o seio, resolve degolar o general Holofernes. Mas, afinal, qual é a história que é narrada no Livro de Judite (Jt), na *Bíblia*

Católica³? O Rei Nabucodonosor ameaçava saquear e matar a todos os habitantes de Israel. Ele já havia destruído todas as cidades vizinhas. O país estava ameaçado pelo “espectro” da morte, pois o Rei queria ser reconhecido como um deus, mas as pessoas já tinham um Deus para adorar e não estavam dispostas a substituí-Lo, o que causou a ira do Rei. A própria Judite era uma viúva, que dedicava todos os seus dias a seu Deus, com jejuns e orações no templo sagrado. Depois da morte do marido, Judite não teve relações sexuais com ninguém, guardava a castidade, fazia jejum e orava a Deus. Todo esse sacrifício era feito por ela somente por obediência a Ele. Era considerada uma mulher ética perante toda a sociedade e aos olhos de seu Deus, conforme percebemos nessas passagens: “Judite vivia em sua casa, desde que se tornara viúva havia 3 anos e quatro meses” (Jt 8, 4); “Jejuava todos os dias de sua viuvez, exceto nas vigílias de sábado, nos sábados, nas vigílias da lua nova, nas luas novas e nos dias de festa e de regozijo da casa de Israel” (Jt 8, 6); “Não havia quem lhe recriminasse uma palavra má, pois era muito temente a Deus” (Jt 8, 8). Por isso, Ele a ajudou no projeto astucioso de matar o general, a fim de salvar seu povo.

Cecília Meireles escreveu o poema “Judite” baseado nessa narrativa bíblica, que conta a história de uma mulher muito corajosa, que degolou o general da Assíria para salvar seu povo da morte eminente, de modo que os sentidos obtidos da leitura de ambos os textos são análogos (Carvalho, 2021). No decorrer da narrativa, Judite diz que foi o próprio Deus que matou o general Holofernes, usando as mãos dela, tamanha era a fé e a confiança que ela tinha n’Ele:

Disse-lhes Judite com voz forte: “Louvai a Deus. Louvai-o. Louvai a Deus que não afastou a sua misericórdia da casa de Israel, mas que, nesta noite, quebrou nossos inimigos pela minha mão”. Tirando a cabeça do alforje, mostrou-a e disse-lhes: “Eis a cabeça de Holofernes, general do exército da Assíria. Eis o mosqueiro sob o qual se deitava em sua embriaguez. O Senhor o feriu pela mão de uma mulher” (Jt 13, 14-15).

Ela afirma, também, que os anjos de Deus a protegeram na ida e na volta, durante a viagem ao acampamento onde se encontrava o general assírio, porque ela corria o risco de morte ao sair de Israel apenas com uma serva em tempos de guerra. Ao chegar no acampamento, todos ficaram maravilhados com sua beleza e sua inteligência:

Houve uma agitação em todo acampamento, pois correu pelas tendas a notícia de sua chegada. Eles a rodearam enquanto estava fora da tenda de Holofernes aguardando ser anunciada. Admiravam-se de sua beleza e, por ela, admiravam os Israelitas. [...] Quando Judite chegou à presença do general e de seus

³ Como o Livro de Judite não existe na *Bíblia* Protestante, essa informação reforça a religiosidade católica com a qual Cecília Meireles foi criada pela avó materna, conforme citado nas Considerações Iniciais.

ajudantes de campo, todos se admiraram com a beleza de seu rosto. Ela postou-se diante dele, mas seus servos a levantaram (Jt 10, 18-19; 23).

Assim, para conseguir acampar, Judite argumentou a Holofernes que tinha saído de Israel porque seu povo seria destruído, pois já não seguia mais os mandamentos do Senhor e Javé não estaria mais com ele. Esse foi o plano usado por Judite para convencer os assírios a aceitá-la. Percebendo a admiração que causou no general, impôs uma condição para ficar: todas as noites ela saíria de madrugada, com sua serva, para rezar ao seu Deus. E o general permitiu por já estar “caído” por seus encantos. “Porque tua serva é piedosa e serve, noite e dia, ao Deus do céu. Agora permanecerei junto a ti, meu senhor. Eu, tua serva, sairei todas as noites, à escarpa. Rezarei a Deus e ele me dirá quando consumaram o seu pecado” (Jt 11, 17). No terceiro dia, Holofernes convidou Judite para jantar com ele, na intenção de ter relações sexuais com ela. Judite aceitou e, durante o jantar, ele ficou bêbado com vinho e dormiu.

Ela fez uma oração ao seu Deus e pediu que lhe concedesse força e coragem. Tremendo, pegou a espada do general e degolou-o, como podemos ver nessa intrigante passagem bíblica:

Avançando então para o balaústre do leito, que estava próximo à cabeça de Holofernes, tirou seu alfanje; em seguida, aproximando-se do leito, pegou a cabeleira de sua cabeça e disse: “Faze-me forte neste dia, Senhor Deus de Israel.” Golpeou por duas vezes o seu pescoço, com toda a força, e separou a sua cabeça (Jt 13, 6-8).

Colocou a cabeça de Holofernes em um saco e saiu com sua serva para rezar, como fazia todos os dias. Chegando em Israel, mandou chamar Aquior, seu Rei, mostrou-lhe a cabeça decepada do general assírio e disse que não saiu manchada pelo pecado, já que Holofernes adormeceu e não a tocou. Aquior desmaiou, tamanho o susto daquele feito extraordinário pelas mãos de uma mulher viúva e casta. Desde então, todos louvam a vida de Judite. Ela se tornou uma heroína e não foi mais esquecida por todo o mundo. Entre os judeus, por exemplo, essa heroína é lembrada na Festa da Chanucá, também conhecida como Festival das Luzes.

Vamos, agora, à leitura do belo poema de Cecília Meireles (2013, p. 37):

JUDITE

De Holofernes o exército assedia
Betúlia. É noite. Dorme o acampamento.
Sob a tenda, que às vezes arrepia
Uma lufada rábida do vento,

Que uiva e geme em funérea litania,
Na sombra, a um canto, dorme temulento
O assírio general. Judite espia;
Entra na tenda... para, que um violento

Tremor lhe tolhe o passo. Arfante o seio,
 Holofernes contempla...espreita...escuta...
 E, vencendo de súbito o receio,
 Vendo-o a dormir, sem que a mais nada atenda,
 Ágil, toma-lhe o alfanje, resoluta,
 Degola-o...
 ...E deixa a tenda.

Logo após a leitura do texto, observamos como é interessante a agilidade poética de Cecília Meireles, que conseguiu, em um pequeno soneto, resumir os 16 capítulos e os 340 versículos do Livro bíblico de Judite. Não podemos esquecer que, naquele tempo, a mulher era considerada inferior ao homem, não tinha voz, era o sexo frágil e o destino dela se resumia a três caminhos: prostituir-se, servir ao marido e procriar. As ações de Judite fazem deste poema um texto inovador, porque ele exalta essa mulher como um ser capaz de feitos extraordinários, como degolar um general.

Segundo Sérgio Feldman (2006), na tradição judaica, a mulher possui um papel submisso, condição que se contrapõe ao protagonismo incomum da personagem analisada na história. Eis uma questão curiosa: Como os sacerdotes do templo sagrado permitiram que uma mulher e sua serva, sozinhas, saíssem de sua cidade e adentrassem no acampamento dos inimigos? É um fato conhecido que as mulheres só poderiam tomar qualquer atitude com a autorização dos homens. De acordo com Pierre Bourdieu, em sua obra *A dominação masculina* (2012), a desigualdade entre os gêneros é baseada, de certo modo, nas diferenças biológicas entre os sexos, o que reflete na divisão social do trabalho. Com base nessa ideologia e por causa de sua suposta força física inferior, competia às mulheres judaicas apenas serviços domésticos, mas Judite surpreendeu a todos por empunhar uma espada e decepar uma cabeça humana.

Portanto, notamos neste poema algo interessante: a feminilidade sendo tema principal das estrofes. A valorização da mulher como sexo forte, que não se deixa seduzir, mas seduz; não se deixa enganar e é inteligente o suficiente para argumentar com mais sabedoria do que todos os homens do acampamento; sabe usar sua beleza física e sua sensualidade como “iscas” e tem coragem superior à de um exército inteiro. O poema é brilhante, porque retrata a sensibilidade de Judite em trechos como: “[...] um violento / tremor lhe tolhe o passo” e “vencendo de súbito o receio” (Meireles, 2013, p. 37); mesmo corajosa, ela sente medo, porque é sensível como todas as mulheres. E as rimas intercaladas ABAB, nos dois tercetos, dão sonoridade ao vento, que sopra lá fora e realça a musicalidade dos versos alexandrinos, que vão ao encontro do “arrepio” que ela sente.

É curioso pensarmos que a ação de matar vai contra os Dez Mandamentos da Lei de Deus; no entanto, Judite teve de fazê-lo para salvar o povo da cidade de Betúlia da fome e da morte. Talvez, por esse motivo, a autora fez questão de ressaltar, no poema, o grande temor que Judite teve de matar alguém, porque vai contra os ensinamentos judaico-cristãos. Em “Entra na tenda... para, que um violento / Tremor lhe tolhe o passo” e “Sob a tenda, que às vezes arrepia” (Meireles, 2013, p. 37), percebemos que o pavor vai de encontro a Judite, que nunca havia matado ninguém. De todas as mulheres que mataram na *Bíblia*, Judite foi a mais corajosa; todas ordenaram alguém para matar, ela, porém, matou com as próprias mãos. Herodíada mandou seu marido, Herodes, trazer a cabeça de João Batista num prato; Herodes, por sua vez, repassou essa ordem a seu empregado. Enquanto Dalila conspirou com os inimigos de Sansão, contando-lhes o segredo dele, para que perdesse sua força. Ambas foram covardes, porque mandaram matar. Judite, contudo, empunhou uma espada, sabendo que todo o exército poderia acordar e matá-la: “De Holofernes o exército assedia / [...] É noite. Dorme o acampamento. / Sob a tenda, que às vezes arrepia”; “E, vencendo de súbito o receio, / [...] Ágil, toma-lhe o alfanje, resoluto, / Degola-o... / ... E deixa tenda” (Meireles, 2013, p. 37).

Para Beth Barr (2022), a submissão da mulher é um produto da civilização humana, não uma ordenação divina, mas que continua sendo disseminada pela Igreja. Porém, Judite contrariou todos os pensamentos machistas da sociedade e inaugurou, com coragem, uma nova Era para as mulheres: a igualdade dos sexos! Depois dela vieram outras heroínas ao longo dos séculos, como Joana d’Arc, que liderou um exército e venceu várias batalhas.

Podemos comparar outros poemas de Cecília Meireles que estabelecem intertextualidade através dos sentimentos da autora, por exemplo, “Motivo” (1939), em que os sentimentos do eu-lírico do texto se misturam aos de Judite: “Não sou alegre nem triste” (Meireles, 1939). Reforçamos que a autora era melancólica e transmitia esse sentimento para seus poemas, dando maior ênfase ao eu-lírico dos textos. Como vimos, Judite “não estava alegre nem triste”, pois estava presa naquela situação: matar era pecado contra os Mandamentos do seu Deus, mas, se não matasse, seu povo morreria. Judite é considerada até hoje uma heroína, porque matou para que seu povo fosse salvo. Estava “entre a cruz e a espada”, como diz o provérbio popular quando estamos sem saída. Ela decidiu arriscar sua vida e, por isso, se tornou uma história tão apaixonante para todos. O mundo inteiro conhece Judite, tanto pela *Bíblia Sagrada* como pelo poema de Cecília Meireles, porque sua fama tornou-se universal.

“Judith” é um poema parnasiano elaborado por uma autora que tem apenas 17 anos, mas que já domina bem a arte do soneto. Em dois quartetos e dois tercetos ela semeia metáforas e prosopopeias, como o primeiro verso da segunda estrofe “Que uiva e geme em funérea litania”,

para criar o clima de tensão de um assassinato. Henrique Marques –SamYn (2013, p.15), observa que nestas estrofes há “ um domínio formal patente na riqueza rítmica(...) elaborando com “manejo impecável os recursos próprios da escrita poética”. Assim, tem razão Manuel Bandeira(2009, p.185) quando afirma que “Cecília Meireles estava sempre empenhada em atingir a perfeição, valendo-se para isso de todos os recursos tradicionais ou novos”.

Outros grandes artistas também se deixaram fascinar pela beleza e coragem da personagem Judite, tanto que há filmes e pinturas, originados em vários países, que retratam essa narrativa tão intrigante. Recordemos, por exemplo, do famoso quadro do paraibano Pedro Américo, pintado em 1880, que apresenta a cabeça de Holofernes no chão quando Judite acaba de matá-lo:

Figura 1: *Judith e Holofernes.*



Fonte: *GI PB*. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/04/29/historia-de-judith-e-holofernes-e-contada-atraves-da-pintura-de-pedro-americo.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2024.

Atualmente, quem quiser contemplar essa obra de arte de Pedro Américo (1843-1905), deverá se dirigir ao Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Em outro quadro famoso intitulado *Judite e Holofernes* (1599), do pintor italiano Caravaggio (1571-1610), podemos contemplar Judite, acompanhada de sua serva, no ato da degola do general:

Figura 2: *Judite e Holofernes.*



Fonte: <https://artrianon.com/2017/10/02/obra-de-arte-da-semana-judite-e-holofernes-de-caravaggio/>. Acesso em: 15 maio 2024.

Essa obra-prima trágica de Caravaggio encontra-se hoje na Galeria Nacional de Arte Antiga, em Roma. Em meados de 1959, também na Itália, foi lançado um filme sobre Judite e Holofernes, intitulado *Giuditta e Oloferne*, do diretor Fernando Cerchio, com duração de 94 minutos⁴, tamanha a importância desse episódio.

É provável que Cecília Meireles possa ter se inspirado, além da Bíblia, tanto no famoso quadro de Pedro Américo como no de Caravaggio, para criar a sua “Judith”, uma vez que estas obras já eram muito populares no início do século XX, visto que eram estampadas em revistas e jornais.

O poema “Judith” nos leva a refletir sobre a coragem e a ousadia que todas as mulheres deveriam ter para defender seus ideais, assim como pudemos ver na história bíblica, no poema analisado e nas pinturas aqui expostas.

Concluimos que Judite foi uma heroína, na qual todas as mulheres deste século deveriam se espelhar, pela sua coragem, sabedoria e objetividade.

Cecília Meireles mostrou a história dessa personagem bíblica, através do seu poema, e penso que mais mulheres podem seguir seu exemplo de determinação. Para a autora, a personagem Judite representou um “espelho”, relação de onde vem o nome da obra *Espectros*. Ambas ficaram viúvas e tiveram que enfrentar o mundo através de sua feminilidade e ousadia, postas à prova: Cecília Meireles, por viver numa época patriarcal e machista, em que as mulheres nem tinham direito ao voto; e Judite, por empunhar uma espada, sendo esse feito exclusivo de homens. O eu-lírico do poema de Cecília Meireles se entrelaça à vida de Judite,

⁴ Outros dados desse filme podem ser consultados em: <https://www.filmaffinity.com/en/film872468.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

porque as duas mulheres são corajosas e ousadas para o seu tempo. Assim sendo, mais pesquisas deveriam ser feitas sobre os primeiros versos líricos desta autora, já que são surpreendentes, mas, ainda pouco estudados.

Referências

AGUIAR, Flávio Wolf de. Sob o olhar da crítica literária. **Revista Entre Livros: A Bíblia** muito além da fé, Série Biblioteca, São Paulo, ano I, n. 2, p. 58-67, dez. 2005.

AGUIAR, Flávio Wolf de. Ressonância da *Bíblia* na literatura. In: FRYE, Northrop. **O código dos Códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 273-280.

ALTER, Robert Bernard. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução: Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagens para sempre Cecília. In: **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, quarta-feira, 11 nov. 1964. p. 6. Caderno. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/11518003356135/I00573902=002234Lar=001348LargOri=004428AltOri=007339.JPG>. Acesso em: 08 mar. 2024.

ANDRADE, Mário de. Cecília e a Poesia. In: ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1972a. p. 71-75.

ANDRADE, Mário de. Viagem. In: ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1972b. p. 161-164.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Murilo Mendes**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972. (Coleção Poetas Modernos do Brasil; 2).

ANDRADE, Edson Dorneles de. A *Bíblia* como literatura: violência, poder e erotismo na narrativa sagrada. **Linguagem: Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem**, São Carlos, 2008. Disponível em: http://www.ufscar.br/linguasagem/edicao03/ensaios_biblia.php. Acesso em: 08 mar. 2024.

BANDEIRA, Manuel. **Belo, belo**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986a.

BANDEIRA, Manuel. Sorriso suspenso. In: **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986b. p. 209-210.

BANDEIRA, Manuel. Uma revista. In: **Andorinha, andorinha**. Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986c. p. 211-212.

BANDEIRA, M. **Apresentação da poesia brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2009

BARR, Beth Alisson. **A construção da feminilidade bíblica**: como a submissão das mulheres se tornou a verdade do Evangelho. Tradução: Elis Regina Emerêncio. [S.L.]: Ed. Thomas Nelson Brasil, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. Traduções: Escola Bíblica de Jerusalém. 4. ed. Goiânia: Editora Paulus, 2002.

BOSI, Alfredo. História de um encontro [Prefácio]. In: MEIRELES, Cecília. **Cecília e Mário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CARVALHO, Gabriella Alves de. A intertextualidade presente na poética de Meireles com o texto bíblico: “Poema da Dúvida” e o entrecruzamento de textos com o discurso religioso. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v.17, n. 26, p. 99-110, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/26634/18364>. Acesso em: 08 mar. 2024.

FELDMAN, Sérgio Alberto. A mulher na religião judaica. **MÉTIS: história & cultura**, v. 5, n. 10, p. 251-272, jul./dez. 2006.

FRYE, Northrop. **O código dos Códigos**: a *Bíblia* e a literatura. Tradução: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

MEIRELES, Cecília. *Espectros*. São Paulo: Global, 2013.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Organização de Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2 v.

MEIRELES, Cecília. **Cecília e Mário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MEIRELES, Cecília. Passado. In: MEIRELES, Cecília. **Cecília Meireles**: crônica em geral. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 26-30.

MENDES, Murilo. Convergência. In: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994a. p. 688-689.

MENDES, Murilo. Miscelânea em prosa e verso/Conversa portátil. In: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994b. p. 1467-1469.

MENDES, Murilo. Flores de Ouro Preto. In: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994c. p. 470-471.

OLIVEIRA, Ilca Vieira de. Cecília Meireles e o “retrato falante”. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 39, p. 378-403, 2. sem. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11991/10723>. Acesso em: 08 mar. 2024.

- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- QUINTANA, Mário. **A vaca e o hipogrifo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- QUINTANA, Mário. **Poesia completa**: em um volume. Organização de Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- SAMYN, Henrique Marques. “A primeira voz de Cecília Meireles”. In: MEIRELES, Cecília. *Espectros*. São Paulo: Global, 2013.
- SCLIAR, Moacyr. Apresentação. In: CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos**: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Edusp, 2005. p. 11.
- SECCHIN, Antônio Carlos. Apresentação. In: MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Organização de Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2v.
- SILVA, Glenda. **Machado de Assis, um leitor da Bíblia**: uma análise do mito do duplo em Esaú e Jacó. 2015. 83 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em Letras. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11898/1/MachadoAssisLeitor.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2024.
- PRADO, Juliana. Cecília Meireles, 120 anos: a palavra que atravessa o tempo. **Globo**, São Paulo, *online*, 06 nov. 2021. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/357824/cecilia-meireles-120-anos-palavra-que-atraversa-o-.htm>. Acesso em: 08 mar. 2024.